

**KITS DIDÁTICOS  
DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO  
ENSINO**

**Arte indígena amazônica:  
paradigmas de classificação**



BARRETO, Cristina. Do teso marajoara ao sambódromo: agência e resistência de objetos arqueológicos da Amazônia. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v, 15, n. 3, e. e20190106, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/HBQsPWr84T5p9kkVkjZDK5M#>

## **KITS DIDÁTICOS DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO**

**Material didático criado e organizado ao longo das aulas na Disciplina  
- *Ensino de História: Teoria e Prática - 2023***

### **Professora:**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Antonia Terra de Calazans Fernandes

### **Monitora:**

Lorena Sayuri Nakashima

### **Estudantes:**

**Ana Clara Reis de Guimarães**

**Bruna Aparecida Biasotti**

**Vanessa Cristina Monteiro Furtoso**

**Vinicius Marchezini Brahemcha**

### **Funcionário Administrativo:**

Marcos Antonio de Oliveira



**Laboratório de Ensino e Material Didático - LEMAD  
Departamento de História – FFLCH –USP  
2023**

## LISTA DE DOCUMENTOS

**1-A.** CONDAMINE, Charles-Marie de la. *Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas*. Rio de Janeiro: Editora Pan-Americana, 1944, p.44-45.

**1-B.** SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820 (Volume III)*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976, p. 40.

**2.** BELLETTI, Jaqueline. A Tradição Polícroma da Amazônia. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena pinto; BETANCOURT, Carla Jaimes (Orgs.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN; MPEG, 2016. p.348-364.

**3.** Obra do artista Ronaldo Guedes. Disponível em: [https://www.facebook.com/Artemanguemarajo/posts/417538171935499/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/Artemanguemarajo/posts/417538171935499/?locale=pt_BR)



**4.** Confecção de cerâmica com a técnica do acordelamento. Disponível em: <https://youtu.be/uCKF5CvGmXc>



**5.** Imagem de Roda de Teto "Maluwana" da casa comunitária da aldeia Apalai, indígenas Wayana Aparai, norte do Pará (região rio Paru), foto de 2008. VELTHEM, Lucia Hussak van; LINKE, Iori Leonel van Velthem. Livro da Arte Gráfica Wayana e Aparai. *Waiana anon imelikut pampila - Aparai zonony imenuru papeh*. Rio de Janeiro, Museu do Índio/ FUNAI/ IEPÉ, 2010, p. 44. Disponível em: <https://institutoiepe.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Livro-Wayana-e-Aparai.pdf>



**6.** Estudo Etnomatemático da marca indígena Roda de Teto (MALUWANA) do povo Wajana (WAYANA) - Axiwae A. Wayana/ Kutan W. Wayana. Disponível em: [https://www2.unifap.br/indigena/files/2021/04/2011\\_Axiwa-e-e-Kutan-ESTUDO-ETNOMATEM%C3%81TICO-DA-MARCA-IND%C3%8DGENA-MARCA-DE-TETO-DO-POVO-WAJANA.pdf](https://www2.unifap.br/indigena/files/2021/04/2011_Axiwa-e-e-Kutan-ESTUDO-ETNOMATEM%C3%81TICO-DA-MARCA-IND%C3%8DGENA-MARCA-DE-TETO-DO-POVO-WAJANA.pdf)



## LISTA DE DOCUMENTOS

7. LAGROU, Els. *Arte Indígena no Brasil: agência, alteridade e relação*. Editora C/ Arte, Belo Horizonte: 2009. Capítulo 1: Arte ou Artefato? Agência e significado nas artes indígenas. (p. 12 - 14). Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3759493/mod\\_resource/content/1/LAGROU%2C%20E.%20\(Cap%C3%ADtulo%201\).pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3759493/mod_resource/content/1/LAGROU%2C%20E.%20(Cap%C3%ADtulo%201).pdf)



8. Imagem de cabine de telefone público em formato que representa uma Urna Marajoara, cidade de Belém, Pará, foto de Cristina Barreto, 2014. BARRETO, Cristina. *Do teso marajoara ao sambódromo: agência e resistência de objetos arqueológicos da Amazônia*. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v, 15, n. 3, e. e20190106, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/HBQsPW84T5p9kkVkjZDK5M#>



## LEITURA DOS DOCUMENTOS

Nessa sequência didática, apresentamos a arte indígena como fonte para a análise das ligações entre o passado e o presente indígena. Por meio dessa ligação, emergem os questionamentos: o que é arte? A arte pode ser uma fonte documental? Assim, através da análise dos documentos presentes nesse kit, o aluno aprenderá a analisar fontes visuais.

Num primeiro momento, são analisados dois relatos de viajantes europeus. Esses relatos, um do século XVIII e outro do XIX, apresentam o olhar da época de um europeu sobre as comunidades indígenas brasileiras (amazônicas). Como tal, está carregado de preconceito. Por isso, as perguntas têm como objetivo desmontar as acepções de Condamine, Martius e Spix, que podem estar ainda presentes no senso comum. Tal fonte foi colocada como abertura do kit para dar a oportunidade de discutir noções prévias que os alunos possam ter da cultura indígena, visto que é impossível que o leitor do kit possua uma visão neutra do assunto. Dessa forma, ao discutir visões preconceituosas logo no início, espera-se que seja possível abrir espaço para um outro olhar sobre a arte indígena. Além disso, espera-se que, ao se defrontar com os demais documentos sobre a arte indígena antiga e contemporânea, esses pressupostos sejam colocados em cheque.

Em sequência, são apresentadas urnas funerárias da cultura marajoara. Essas eram utilizadas para enterramento secundário e foram produzidas por volta do século XVI d. E. C. Tal sequência foi definida para que essa obra complexa apareça como um contraponto à visão europeia da cultura ameríndia. Da mesma forma, trata-se de uma fonte da antiguidade americana, que atesta o desenvolvimento de uma cultura indígena sem qualquer interferência europeia. Dessa maneira, as perguntas focam-se na arte como forma de registro histórico. Através desses questionamentos, abre-se a possibilidade de discussão com os alunos sobre diferentes formas de registro, bem como diferentes concepções de arte.

A terceira fonte corresponde a uma obra do artista paraense contemporâneo R. Guedes. Ela aparece como uma retomada da arte marajoara, sendo celebrada internacionalmente. Por meio dessa escolha, procura-se discutir a cultura marajoara como um balaústre da identidade regional, significa dizer que a cultura marajoara é hoje motivo de orgulho. Assim, as perguntas procuram fazer uma ponte entre passado e presente, questionando os motivos da continuidade das formas tradicionais da cultura indígena hoje.

## LEITURA DOS DOCUMENTOS

Em seguida, apresentamos uma Roda de Teto "Maluwana" da casa comunitária da aldeia Apalai, produzida pela comunidade Wayana Aparai, norte do Pará. Essa forma de arte foi, inclusive, assunto de um trabalho de encerramento do curso de Matemática. De maneira semelhante à escultura de Guedes, a análise da Roda de teto é uma forma de questionar concepções eurocêntricas de arte, bem como chamar a atenção para o papel da arte indígena hoje. Através dos materiais apresentados nesta sequência didática, o professor pode discutir o lugar que a arte indígena ocupa no imaginário atual. Ao apresentar essas obras contemporâneas, procuramos mostrar que as culturas tradicionais resistem e devem ser celebradas como cultura nacional. Logo, a quarta fonte diz respeito à forma de produção de determinadas cerâmicas amazônicas. Ao apresentar a forma de produção, que requer uma expertise própria, procuramos reforçar a ideia que a sequência vai construindo da arte indígena como uma forma de expressão complexa, algo muito diferente do que mostra os relatos europeus.

Assim, como forma de apresentar um respaldo teórico para a ideia que foi construída durante a execução da sequência didática, o próximo documento a ser trabalhado diz respeito ao trabalho da antropóloga Els Lagrou, que além de questionar concepções eurocêntricas de arte, discute os limites entre obra de arte e artefato, questionando o papel da arte como documento histórico. As perguntas presentes podem servir como base para uma discussão mais extensa sobre o assunto. Por fim, fechamos a sequência didática com um orelhão que remete à arte marajoara. Essa interferência do poder público em favor de uma memória da cultura indígena reflete o espaço privilegiado da arte marajoara na construção da identidade do povo paraense, que serve como ponto de partida para discutir o lugar das culturas indígenas passadas e presentes na construção da autoestima do povo brasileiro.

## PROPOSTA DIDÁTICA

### Documento 1:

1. Leia o documento 1A e responda:
  - a) Quem escreveu? Quando?
  - b) Quem ele está descrevendo?
  - c) Como ele descreve esta população?
2. O que você acha que significa ser “inimigos do trabalho”? E “sem preocupações com o futuro”?
3. Segundo essa descrição, como você imagina que era essa sociedade?
4. Leia o documento 1B e responda:
  - a) Quem escreveu? Quando?
  - b) Quem são os homens vermelhos?
5. Qual era o destino previsto pelos autores para eles? Por que?
6. O que você acha que são as “altas flores e frutos da humanidade”? E porque eles seriam incapazes de produzi-las?

### Documento 2:

7. Observe a imagem e leia as informações. Do que se trata? Descreva a urna.
8. Quem as produziu? Onde? Para que era usada?
9. Que informações essa urna dá sobre a cultura que a produziu? Baseando-se na urna, como você acha que era a sociedade em que ela foi produzida?
10. Essa urna passa uma mensagem? Ela pode ser considerada uma forma de registro da sociedade marajoara?
11. Você acha que essa urna foi feita como forma de deixar uma marca para o futuro?
12. Essa urna foi produzida 800 anos antes da chegada dos portugueses ao Brasil, em 1500. Você acha que a sociedade marajoara tinha uma forma de produção de argila que dependia de um conhecimento específico da cerâmica?
13. Como você acha que são os registros deixados pelas sociedades indígenas que viviam na Amazônia antes da chegada dos portugueses?
14. Você acha que um objeto como esse poderia ter sido produzido pela sociedade citada no documento um?

### Documento 3:

15. Observe o documento 3. Quem produziu esse vaso? Quando?
16. Como você acha que foi o processo de produção desse vaso?



## PROPOSTA DIDÁTICA

17. Essa urna se assemelha à urna do século X? Se sim, por que alguém faria um objeto com a intenção de deixá-lo parecido com a urna marajoara?

18. Qual a relação do artista com a cultura marajoara?

### **Documento 4:**

19. Você conhece esta técnica de confecção da cerâmica? Caso conheça, de onde?

20. Tente descrever os passos que a artesã percorre na confecção desta peça.

21. Do que você imagina que é feito o material manipulado pela artesã? Você sabe como se faz para que este material endureça e se torne cerâmica?

22. Você já tentou confeccionar uma peça de cerâmica com esta ou outra técnica? Acha que seria fácil ou difícil? Por quê?

### **Documento 5:**

23. Observe o documento: O que a imagem retrata?

24. Onde está localizado o objeto (roda de teto) retratado na imagem? Quando foi fotografado?

25. Por que você acha que os indígenas Wayana produzem a roda de teto?

26. Como você acha que é feita a roda de teto?

### **Documento 6:**

27. Leia o documento:

a) Quem são os autores?

b) Do que o texto fala?

28. Como é o processo de confecção da Maluwana pelos indígenas Wayana?

29. O processo é executado por uma única pessoa ou é em grupo?

30. De acordo com o texto, os indígenas Wayana precisam fazer um treinamento para executar os grafismos na maluwana?

31. As tinturas para colorir a Maluwana são encontradas prontas ou tem que ser preparadas pelos indígenas Wayana?

### **Documento 7:**

32. Leia o documento:

a) Quem é o autor do texto e quando foi escrito?

33. De acordo com o texto, para que serve a obra de arte?

34. Segundo o texto, qual a diferença entre arte e artefato?



## PROPOSTA DIDÁTICA

35. Quais são as semelhanças que podemos encontrar ao compararmos a arte contemporânea com as produções artísticas indígenas?
36. De acordo com o texto, por que se considera que os indígenas desconhecem o que nós conhecemos como arte?
37. Volte a observar os documentos 2, 3 e 5 e responda:
- Você acha que os objetos retratados nos documentos podem ser considerados como arte? Justifique sua resposta

### **Documento 8:**

38. Observe o documento 8.
- Qual objeto é retratado na imagem? Descreva-o.
  - Onde está localizado?
  - Quando foi fotografado?
39. Você acha que a imagem tem semelhanças com os documentos 2 e 3? Se sim, quais semelhanças?
40. Por que você acha que construíram a cabine telefônica com essa forma?
41. Com base no que você leu no documento 7, você considera o objeto da fotografia como arte ou como artefato? Por que?

## DOCUMENTO 1

### 1A

“Antes de passar adiante, creio dever dizer uma palavrinha a propósito do gênio e caráter dos homens originários da América Meridional, que vulgarmente se chamam com impropriedade “Índios”.

(...)

A insensibilidade é o fundamental. Fica a decidir se a devemos honrar com o nome de apatia, ou se lhe devemos dar o apodo de estupidez. Ela nasce indubitavelmente do número limitado de suas idéias, que não vai além de suas necessidades. Glutões até a voracidade, quando têm de saciar-se; sóbrios quando a necessidade os obriga a se privarem de tudo, sem parecerem nada desejar; pusilânimes ao excesso, se a embriaguez os não transporta; inimigos do trabalho, indiferentes a toda ambição de glória, honra ou reconhecimento; unicamente ocupados das coisas presentes, e por elas sempre determinados; sem a preocupação do futuro; incapazes de previdência e reflexão; entregues, quando nada os molesta, a brincadeiras pueris, que manifestam por saltos e gargalhadas sem objeto nem desígnio; passam a vida sem pensar, e envelhecem sem sair da infância, cujos defeitos são todos conservados.”

(CONDAMINE, Charles-Marie de la. *Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas*. Rio de Janeiro: Editora Pan-Americana, 1944, p.44-45.)

### 1B

“Lastimamos dizê-lo: a nossa convicção, baseada em alguns anos de observação dos aborígenes brasileiros, não concorda com a opinião geral acerca da perfectibilidade da raça vermelha. (...) temos de inclinar-nos à conclusão de que os índios não suportam a cultura mais alta que a Europa lhes quer inocular, e que a civilização progressiva, elemento vital da humanidade florescente, mesmo os destrói, como um veneno letal, e de que eles, assim como muitos outros seres da natureza, parecem destinados a decompor-se e sair do número dos vivos, antes de terem alcançado o mais alto grau de desenvolvimento, cujo germe está neles implantado. Consideramos, por conseguinte, os homens vermelhos, um ramo atrofiado, no tronco da humanidade, destinado a apresentar apenas tipicamente quase uma forma física de certas propriedades que fazem parte do ciclo, ao qual o homem está sujeito como criatura natural, porém incapacitado de produzir as altas flores e frutos da humanidade.”

(SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820* (Volume III). São Paulo: Edições Melhoramentos, 1976, p. 40.

# DOCUMENTO 1

## Glossário:

- *Apodo*: Comparação ultrajante, depreciativa; gracejo, mofa, zombaria.
- *Pusilânimes*: que revela pusilanimidade, fraqueza moral; covarde, medroso, fraco.
- *Pueris*: Relativo a criança; Próprio da infância; De atitudes infantis ou imaturas.

## DOCUMENTO 2



Legenda: "urna funerária Marajoara, datada por volta de 700 d.C. Distribuída em montes de terra acima da superfície na Ilha de Marajó/PA, apresentam forma globular com figuras antropozoomorfas, representando um ser humano ou animal com olhos semicerrados. Utilizadas para enterramento secundário 3 de famílias poderosas da cultura Marajoara, que desapareceram antes do contato com o colonizador. Atentar para a observação dos padrões geométricos que formam figuras."

fonte: LEMAD-USP.

[https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiQ6Oq6oOT\\_AhUGD7kGHVL1DkwQFnoECAsQAQ&url=https%3A%2F%2Flemad.fflch.usp.br%2Fsites%2Flemad.fflch.usp.br%2Ffiles%2F2019-05%2FExistia%2520gente%2520na%2520Amaz%25C3%25B4nia.pdf&usq=AOvVaw3K\\_svkp8W\\_cpTU8NBJLrkJ&opi=89978449](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiQ6Oq6oOT_AhUGD7kGHVL1DkwQFnoECAsQAQ&url=https%3A%2F%2Flemad.fflch.usp.br%2Fsites%2Flemad.fflch.usp.br%2Ffiles%2F2019-05%2FExistia%2520gente%2520na%2520Amaz%25C3%25B4nia.pdf&usq=AOvVaw3K_svkp8W_cpTU8NBJLrkJ&opi=89978449)



## DOCUMENTO 3



Legenda: Obras de Ronaldo Guedes, natural de Soure, Marajó, Pará. Artista, ceramista e escultor Marajoara.





## DOCUMENTO 4



Legenda: Técnica do “acordelamento” para confecção de cerâmica, utilizada na arte marajoara e ainda muito comum hoje em dia.



## DOCUMENTO 5



Legenda: Imagem de Roda de Teto "Maluwana" da casa comunitária da aldeia Apalai, indígenas Wayana Aparai, norte do Pará (região rio Paru), foto de 2008, autoria de Iori Leonel.

In: VELTHEM, Lucia Hussak van; LINKE, Iori Leonel van Velthem. *Livro da Arte Gráfica Wayana e Aparai. Waiana anon imelikut pampila - Aparai zonony imenuru papeh*. Rio de Janeiro, Museu do Índio/ FUNAI/ IEPÉ, 2010, p. 44. Disponível em: <https://institutoiepe.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Livro-Wayana-e-Aparai.pdf>



## DOCUMENTO 6

“(…)

Para confecção da Maluwana destinada à casa de uso comunitário, os homens reúnem-se em mutirão. A matéria-prima empregada é a raiz tubular, a sapopema da sumaúma que é cortada com um machado é plainada com terçado, formando uma roda. Essa roda tem então uma de suas faces carbonizada através da lenta combustão de folhas secas de bananeira, enquanto o disco se apoia sobre curtas estacas. Depois disso. Os grafismos específicos deste artefato são marcados com faca. Quando são aprendizes, os jovens utilizam moldes recortados em folhas de sororoca. A roda é pintada coletivamente com tintas minerais e pincéis de nervura de palmeira bem finos por dois ou três homens e também mulheres.

(…)

Com relação às cores utilizadas, geralmente o povo Wayana utiliza apenas quatro cores (amarelo, vermelha, preta acinzentada, branca), (...):

- a) Amarelo forte (*kuli*) – é uma mistura de cor amarela extraído de argila, são colocados no sol para secar e depois mistura com água para transformar em tinta, normalmente é colocado em quantidade menor;
- b) Vermelho escuro (*eli-akpiju*) – é um tipo de pedra sedimentar, feita a mistura com água; c) Branca (*nënuwë*) – é também extraído de uma argila branca;
- d) Preto acinzentado (*pulunë*) – é um tipo de argila mais difícil para se encontrar, uma cor totalmente encontrada num lugar adequado.”

Axiwae A. Wayana/ Kutanán W. Wayana - Estudo Etnomatemático da marca indígena roda de teto (Maluwana) do povo Wajana (Wayana). Disponível em: [https://www2.unifap.br/indigena/files/2021/04/2011\\_Axiwae-e-Kutanán\\_ESTUDO-ETNOMATEM%C3%81TICO-DA-MARCA-IND%C3%8DGENA-MARCA-DE-TETO-DO-POVO-WAJANA.pdf](https://www2.unifap.br/indigena/files/2021/04/2011_Axiwae-e-Kutanán_ESTUDO-ETNOMATEM%C3%81TICO-DA-MARCA-IND%C3%8DGENA-MARCA-DE-TETO-DO-POVO-WAJANA.pdf)



### Glossário:

- *Maluwana*: “roda de teto”, peça que os indígenas Wayana fixam na parte interna do teto da casa especial de uso comunitário que fica no centro de sua aldeia.
- *raiz tubular, sapopema*: nome dados pelos indígenas para indicar as raízes que crescem ao redor do tronco da árvore samaúma.
- *samaúma*: árvore grandiosa que pode chegar a medir 50 metros de altura, encontrada na região amazônica. *sororoca*: planta semelhante a bananeira.
- *terçado*: ferramenta similar a um facão.

## DOCUMENTO 7

“(…)

A obra de arte, portanto, não serve somente para ser contemplada na pura beleza e harmonia das suas formas, ela age sobre as pessoas, produzindo reações cognitivas diversas. Se fossemos comparar as artes produzidas pelos indígenas com as obras conceituais dos artistas contemporâneos, encontraríamos muito mais semelhanças do que à primeira vista suspeitaríamos. Pois muitos artefatos e grafismos que marcam o estilo de diferentes grupos indígenas são materializações densas de complexas redes de interações que supõem conjuntos de significados, ou, (...) que levam a abduções, inferências com relação a intenções e ações de outros agentes. São objetos que condensam ações, relações, emoções e sentidos, porque é através dos artefatos que as pessoas agem, se relacionam, se produzem e existem no mundo.

Se objetos indígenas cristalizam ações, valores e ideias, como na arte conceitual, ou provocam apreciações valorativas da categoria dos tradicionais conceitos de beleza e perfeição formal como entre nós, por que sustentar que conceitualmente esses povos desconhecem o que nós conhecemos como ‘arte’? É preciso enfatizar este ponto para melhor entender o que exatamente as produções artísticas provindas de contextos originalmente autônomos de produção têm a nos oferecer e por que sua tradução para o contexto metropolitano tem provocado tanta discussão entre *connaisseurs* e críticos de arte de um lado e antropólogos de outro.

Como salientado acima, a grande diferença reside na inexistência entre os povos indígenas de uma distinção entre artefato e arte, ou seja, entre objetos produzidos para serem usados e outros para serem somente contemplados, distinção esta que nem a arte conceitual chegou a questionar entre nós, por ser tão crucial à definição do próprio campo.”

(LAGROU, Els. Arte Indígena no Brasil: agência, alteridade e relação. Editora C/ Arte, Belo Horizonte: 2009. Capítulo 1: Arte ou Artefato? Agência e significado nas artes indígenas, p. 12-14)



### Glossário:

- *connaisseurs*: termo em francês, significa “conhecedor”, “especialista”; no caso do texto refere-se a alguém com conhecimentos em arte.
- *reação cognitiva*: processo responsável pela linguagem, pensamento, memória, raciocínio, entre outras esferas, também afeta diretamente a percepção das emoções e, portanto, o comportamento humano.

## DOCUMENTO 8



Legenda: Imagem de cabine de telefone público em formato que representa uma Urna Marajoara, cidade de Belém, Pará, foto de Cristina Barreto, 2014. BARRETO, Cristina. *Do tesoro marajoara ao sambódromo: agência e resistência de objetos arqueológicos da Amazônia*. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v, 15, n. 3, e. e20190106, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/HBQsPWr84T5p9kkVkjZDK5M#>

